

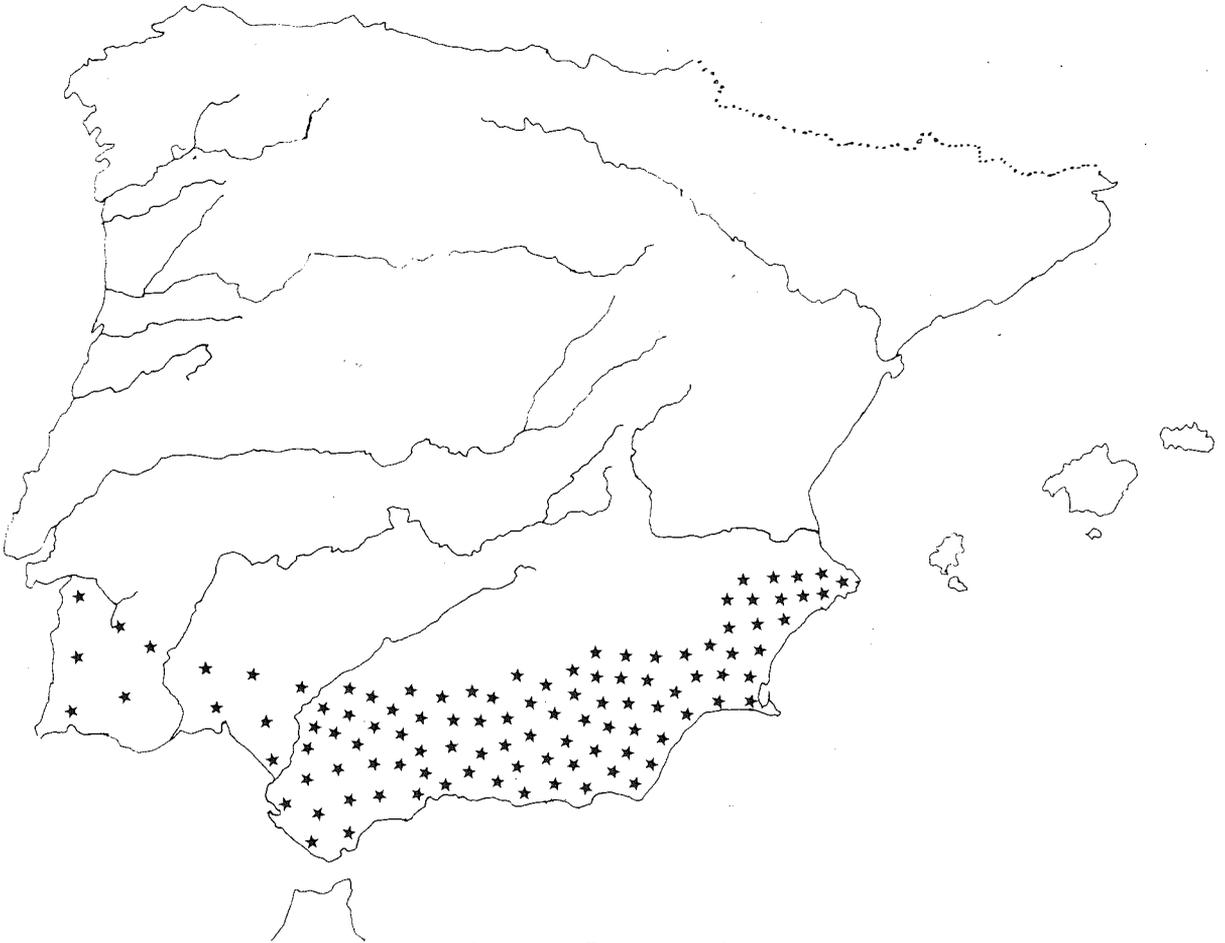
# ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA CULTURA DO SUDOESTE

O Sudoeste peninsular é uma vasta região caracterizada por apresentar, desde a Idade do Bronze, uma certa unidade cultural. Não queremos, com isto, significar que não existam algumas dissemelhanças que interpretamos como regionalismos, mas sim que os padrões culturais unificadores existem desde esse período e nos parecem suficientemente fortes e característicos para delimitarem e definirem uma área cultural.



MAPA 1. *Bronze SW*

Neste vasto território desenvolveu-se o chamado Bronze do Sudoeste (mapa 1) que ocupa a zona ocidental desta região e em que alguns<sup>1</sup> pretendem encontrar as origens da cultura tartéssica. Outros, porém, consideram que será o Bronze Argárico (mapa 2) que tem o seu núcleo mais importante na zona Oriental do território, o gerador do Mundo de Tartessos<sup>2</sup>.



MAPA 2. *Bronze Argárico*

Não sabemos até que ponto serão uma ou outra a que irá evoluir para a cultura tartéssica. O que conhecemos já é que elas ocupam duas regiões limítrofes e que, entre as duas não existe uma fronteira definida e que se interpenetram, cobrindo completamente o Sudoeste Peninsular.

Apesar de considerarmos esses dois «facies» do Bronze como definidores e provável origem da cultura do Sudoeste, passaremos a limitar-nos a padrões mais restritos e, por isso mesmo, mais caracterizadores.

<sup>1</sup> Embora não o afirme perentoriamente, H. Schubart, em «Acerca de la cerámica del Bronce Tardío en el Sur y Oeste Peninsular», *Trabajos de Prehistoria* 28 (Nueva Serie), Madrid 1971, pp. 153-182, e «La Cultura

del Bronce en el Sudoeste Peninsular - Distribución y definición», in *Miscelánea Arqueológica* II, Barcelona 1974.

<sup>2</sup> Jordá Cerdá, «Tartessos y la cultura del Argar», in *Actas Tübingen*, pp. 381-386.

O primeiro que nos demarca, com nitidez uma área cultural, dentro desta região, é constituído pelas chamadas Estelas do Tipo I ou Alentejano (mapa 3).



MAPA 3. Estelas do Tipo I

Situadas cronologicamente por Martín Almagro<sup>3</sup> nos séculos iniciais do I milénio foram, por Varela Gomes e Pinho Monteiro<sup>4</sup>, consideradas como pertencentes ainda ao II milénio antes da Era.

Estas estelas cujo núcleo principal se situa no Baixo Alentejo, poderão, no entanto, vir a cobrir uma área muito mais vasta, principalmente se tivermos em conta que um exemplar foi já recolhido nas proximidades de Córdova<sup>5</sup>.

Martín Almagro<sup>6</sup> considerava estas estelas como obra atribuível aos Cónios. A base para esta atribuição seria, por certo, o facto de aqueles constituírem o grupo étnico mais antigo identificado com a região onde foi recolhido o maior núcleo de estelas do Tipo I.

<sup>3</sup> Martín Almagro, *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Biblioteca prehistórica Hispánica VIII, Madrid 1986.

<sup>4</sup> Mário Varela Gomes e J. Pinho Monteiro, «As estelas decoradas da herdade de Pomar (Ervidel-Beja) - Estudo comparado», in *Setúbal Arqueológica* II-III, Setúbal 1976-77, pp. 281-343.

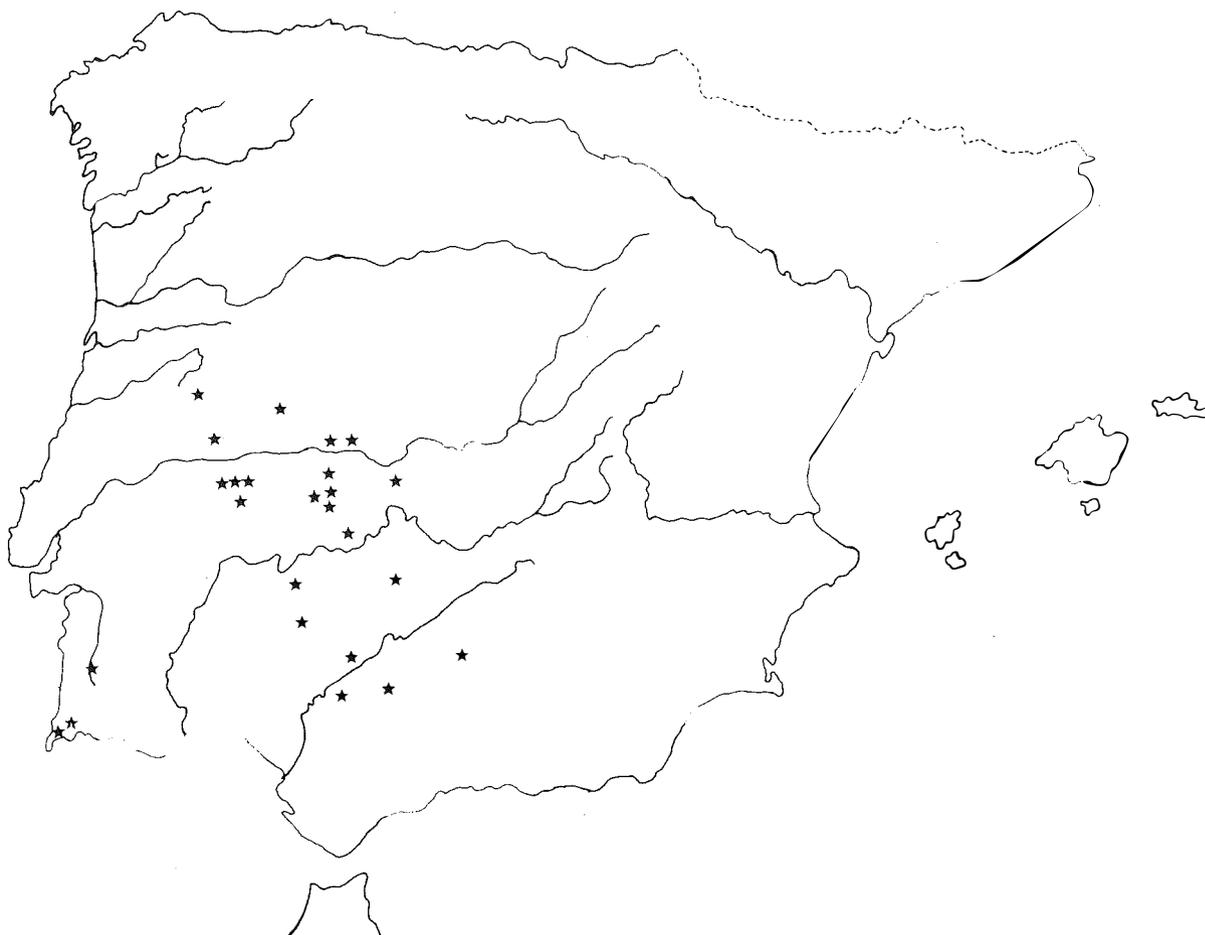
<sup>5</sup> María Luisa Cano Navas, «Una estela decorada de tipo Alentejano en la provincia de Córdoba», in *Trabajos de Prehistoria* 34, Madrid 1977, pp. 331-335.

<sup>6</sup> Martín Almagro, *op. cit.*

Porém, não temos notícias da implantação de Cónios na região de Córdoba pelo que, ou as estelas pertencem a um conjunto etno-cultural mais vasto, de que os Cynetes serão apenas uma fracção, ou então, o monumento da região andaluza pertencerá a um indivíduo afastado do seu povo.

Esta última hipótese, porém, parece carecer de viabilidade principalmente se tivermos em consideração que a técnica de gravação das estelas do Tipo I não é acessível a qualquer indivíduo e que, portanto, na região onde foi recolhido este monumento deveria ter existido um artífice pertencente a esta cultura ou uma comunidade suficientemente abastada para fazer deslocar até si, um escultor itinerante.

Dum período que podemos situar no Bronze Final, têm vindo, também, a ser recolhidas, nesta região, as estelas do Tipo II ou Estremenho (mapa 4).



MAPA 4. *Estelas do Tipo II*

Apresentando figuras antropomórficas, armas de bronze e carros de duas rodas, estas estelas foram datadas por Martín Almagro <sup>7</sup> de 800-600 a.C. e atribuídas aos Cempses, grupo étnico de

<sup>7</sup> *Ibidem.*

que apenas temos conhecimento pela obra de Avieno e, possivelmente, pelo topónimo *Sesimbra* < *Cempsimbrica*<sup>8</sup>.

Varela Gomes e Pinho Monteiro<sup>9</sup>, porém, fazem recuar a cronologia inicial destas estelas para o século X, admitindo mesmo a hipótese de ela ser ainda anterior.

Se, como pretende Almagro<sup>10</sup>, estes monumentos puderem ser atribuídos aos Cempses, então teremos este povo a dominar a vasta região do Sudoeste durante cerca de meio milénio, correspondendo, grosso modo, ao período Orientalizante. Poder-lhe-emos atribuir como alguns pretendem<sup>11</sup>, o achado da Ria de Huelva e poderemos, ainda, talvez, considerar correcta a afirmação de Avieno de que lhes teria pertencido a ilha de Cartare

255. (...) *Cartare post insula est*  
*Eamque pridem, influxa est satis est fides,*  
 257. *Tenuere Cempsi (...).*

localizada, segundo o autor da *Ora Maritima*, no litoral tartésico.

Mas serão os Cempses um povo individualizado? não estaremos antes perante uma tribo pertencente a um grupo étnico mais vasto? tribo essa que, em determinado período, terá dominado todas as outras? ou será antes um estrato guerreiro pertencente a um complexo social mais vasto? Poderemos, ainda, pôr a hipótese de que estas estelas não seriam atribuíveis a um grupo étnico homogêneo mas sim a mercenários contratados pelos habitantes do Sudoeste.

Ainda que nos sorria a ideia de que estas estelas possam ser atribuíveis aos Cempses, parecemos cedo para abraçar-mos a teoria de Almagro.

Por outro lado, o aparecimento em Setefilla, necrópole considerada tartésica, de uma estela deste tipo<sup>12</sup>, levanta-nos mais um conjunto de problemas; estaremos perante uma intrusão de uma cultura estranha num contexto indígena ou os utilizadores das estelas pertencerão ao mesmo grupo etno-cultural?

Na primeira hipótese teremos que admitir que a necrópole tartésica de Setefilla é anterior à vinda dos construtores das estelas do Tipo II e que estes, dominada a sociedade indígena, utilizaram o campo sagrado destes últimos para sepultar os seus mortos, ou que eles correspondiam à capa étnica anterior aos tartésicos.

<sup>8</sup> A. Tovar *Ib. Landeskunde II*. Sobre o topónimo Sesimbra conferir: José Leite de Vasconcellos, *Lições de Filologia portuguesa*, Lisboa 1924<sup>2</sup>, p. 362, nota 4; Joaquim da Silveira, «Toponymia Portuguesa», *Revista Lusitana* 17, Lisboa 1914, pp. 114 a 134; Fernando Bandeira Ferreira, «O problema da localização de Cetóbriga», *Conimbriga* I, Coimbra 1959, pp. 41-70; Hernâni de Barros Bernardo, *Monografia de Sesimbra - Estudo geoeconómico do concelho*, 1941; Eduardo da Cunha Serrão, *A necrópole proto-Histórica do Casalão*, Setúbal, Junta distrital de Setúbal, 1964, pp. 44 e ss.; João de Castro Nunes, «Uma notável obra em curso sobre a etno-toponímia paleo-Hispânica: António Tovar - Iberische Landeskunde», *Euphrosyne*, Nova Série, Lisboa 1978-79, pp. 195-199.

<sup>9</sup> Varela Gomes e Pinho Monteiro, *op. cit.*

<sup>10</sup> Martín Almagro, *op. cit.*

<sup>11</sup> Considerando as cronologias apresentadas por Varela Gomes e Pinho Monteiro, *op. cit.*, somos levados a inclui-las no Período Tartésico pré-colonial recente e não no Tartésico Colonial Antigo como pretende M. Pellicer em «Hacia una periodización del Bronce Final en Andalucía Occidental», in *Primeras Jornadas Arqueológicas sobre colonizaciones Orientales* (= *Huelva Arqueológica* 6), Huelva 1982, pp. 41-47.

É certo que nas mais recentes estelas do Tipo II aparecem gravados objectos orientalizantes, porém, as datações para os achados da Ria de Huelva aproximam-no da fase média dos monumentos daquele tipo.

<sup>12</sup> María Eugenia Aubet, «Los enterramientos bajo túmulo de Setefilla (Sevilla)», in *Primeras jornadas arqueológicas sobre colonizaciones orientales* (= *Huelva Arqueológica* 6), Huelva 1982, pp. 49-70.

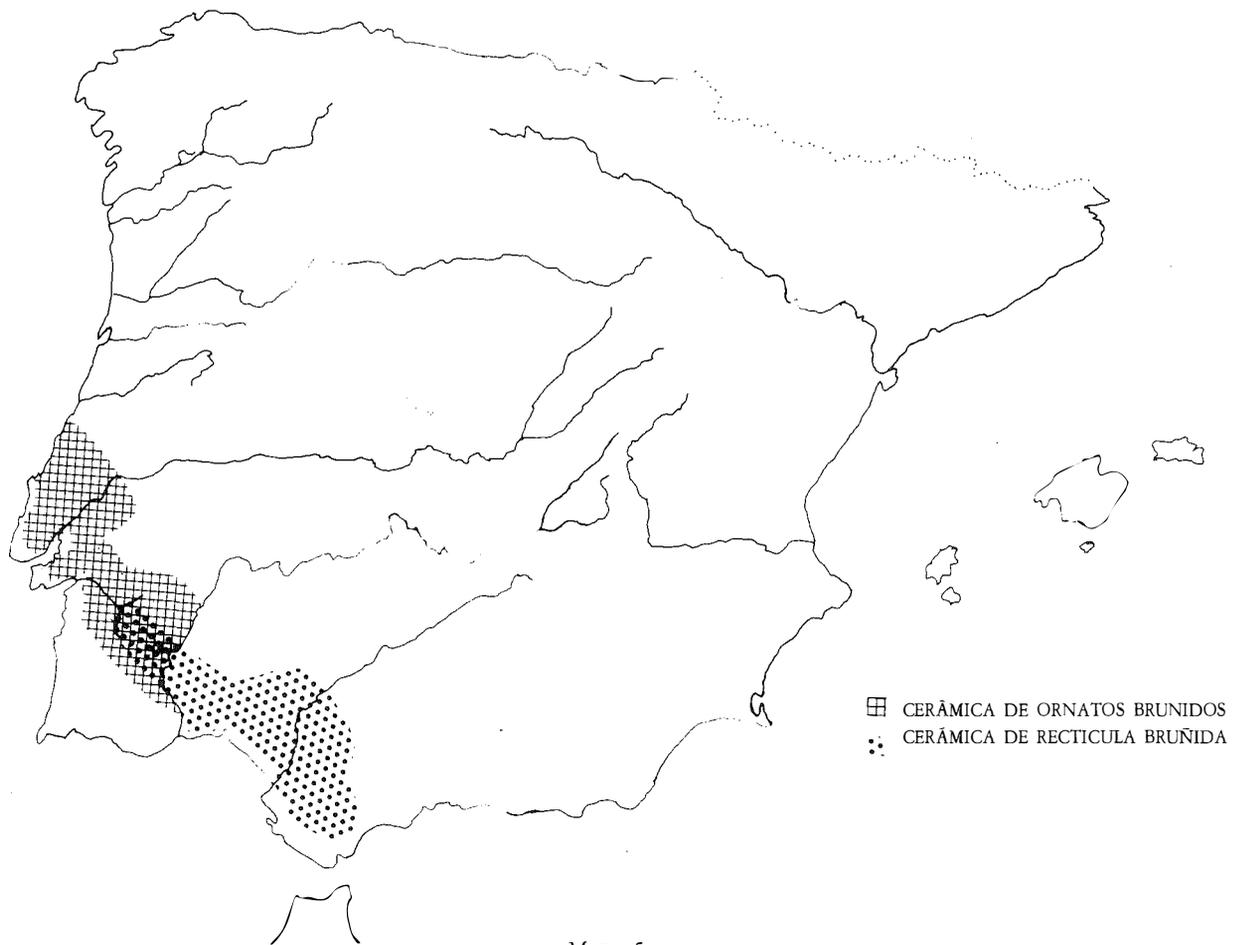
A existência de objectos orientalizantes gravados em estelas deste tipo<sup>13</sup> aponta, porém, para uma contemporaneidade entre os dois utilizadores do monumento<sup>14</sup>. Os escultores das estelas não serão, portanto, posteriores aos construtores das necrópoles<sup>15</sup>.

No caso de estarmos na presença de mercenários alienígenas como poderemos admitir que estes sejam autorizados a sepultar os seus mortos no campo sagrado dos seus contratadores?

Mais ainda, como se explica que, tratando-se de mercenários, estrangeiros, estes sejam portadores de padrões culturais inexistentes noutras áreas? Ainda neste caso seria lógico que se encontrassem estelas completamente iguais no seu país de origem.

A existência de lápides deste tipo numa necrópole tartéssica faz-nos pensar numa identidade etno-cultural.

É certo que há exemplos de indivíduos provenientes de civilizações estranhas sepultados em necrópoles pertencentes a sociedades de tipo completamente diferente, sendo até sepultados com



MAPA 5

<sup>13</sup> Varela Gomes e Pinho Monteiro, *op. cit.*

<sup>14</sup> María Eugenia Aubet, «Materiales Púnico-Tartésios de la necrópolis de Setefilla en la colección Bonsor», in *BSEAA* 39, 1973.

<sup>15</sup> É certo que a estela de Setefilla não tem gravado qualquer objecto orientalizante, porém, isso não impede que não seja um monumento pertencente à mesma cultura.

o mesmo rito, mas os exemplos são tão raros que mais nos parecem excepção confirmativa da regra.

Também nesta região do Sudoeste nos surge um outro vestígio arqueológico que consideramos como um padrão caracterizador desta área cultural: trata-se da cerâmica com decoração brunida.

Este tipo de cerâmica tem-nos sido apresentado, de uma forma geral, como pertencendo a dois grupos regionais: a cerâmica de *reticula brunida* da Andaluzia e a de *ornatos brunidos* da bacia portuguesa do Tejo (mapa 5).

Estes dois grupos, possíveis regionalismos, cobrem assim, praticamente, todo o Sudoeste Peninsular.

No Alentejo, porém, começou a ser recolhida — e são já bastantes os exemplares — cerâmica brunida em ambas as faces, interna, como no grupo andaluz e a externa, como no primitivo grupo português. Este novo tipo de cerâmica faz como que a ligação entre os dois núcleos bem conhecidos.

Ainda nesta região, surge-nos um outro tipo de objectos, normalmente considerados tartéssicos; as jarras de bronze, estudadas por García e Bellido<sup>16</sup> que cobrem uma vasta mas bem definida área do Sudoeste ibérico, de Torres Vedras<sup>17</sup> a Carmona e de Huelva a La Aliseda.

Sem retirarmos qualquer importância aos outros padrões anteriormente definidos, parece-nos, porém, que a escrita tartéssica, pelo seu significado cultural, será o mais forte dos elementos individualizadores do Sudoeste Hispânico.

Abrangendo uma área que se estende da província de Cáceres ao Algarve e daqui até à região de Múrcia (mapa 6), esta escrita define uma cultura que, aparentemente, falaria a mesma língua.

Ainda que este tipo de escrita nos surja, essencialmente em monumentos datáveis do período que, por norma, se considera como correspondendo ao apogeu do «Reino de Tartessos», pelo facto de o núcleo principal não se situar na zona tradicionalmente aceite como tartéssica, e sim numa região habitada pelos Conios, e por nos surgir dispersa por regiões muito mais vastas, parece-nos demasiado restritivo o apelativo de *Tartéssico* para este tipo de escrita.

Se, por outro lado, aceitarmos a designação de tartéssica, então, sob o ponto de vista histórico, teremos que passar a considerar Tartessos não como um reino mas mais como um império, pequeno, é certo, que dominaria cónios, túrdulos, bastetanos, etc... Salvo se considerarmos Tartessos como uma designação para todo o Sudoeste, Tartessos perderia, assim, o seu significado unicamente cultural para ganhar uma nova dimensão etno-geo-cultural.

Vimos, pois, que a arqueologia nos fornece um conjunto de padrões que definem perfeitamente uma região. Vimos também que esses padrões ou são contemporâneos ou se sucedem imediatamente.

Mas, além destes vestígios materiais, chegaram até nós outros, os toponímicos, que correspondem, *grosso modo*, à zona demarcada por aqueles.

A existência desta área linguística foi já notada por Untermann em 1961<sup>18</sup>. Diz-nos este linguísta alemão referindo-se aos topónimos em *-ippo*; *-uba*; *-igi*; *-ucci*; e *-urgi*:

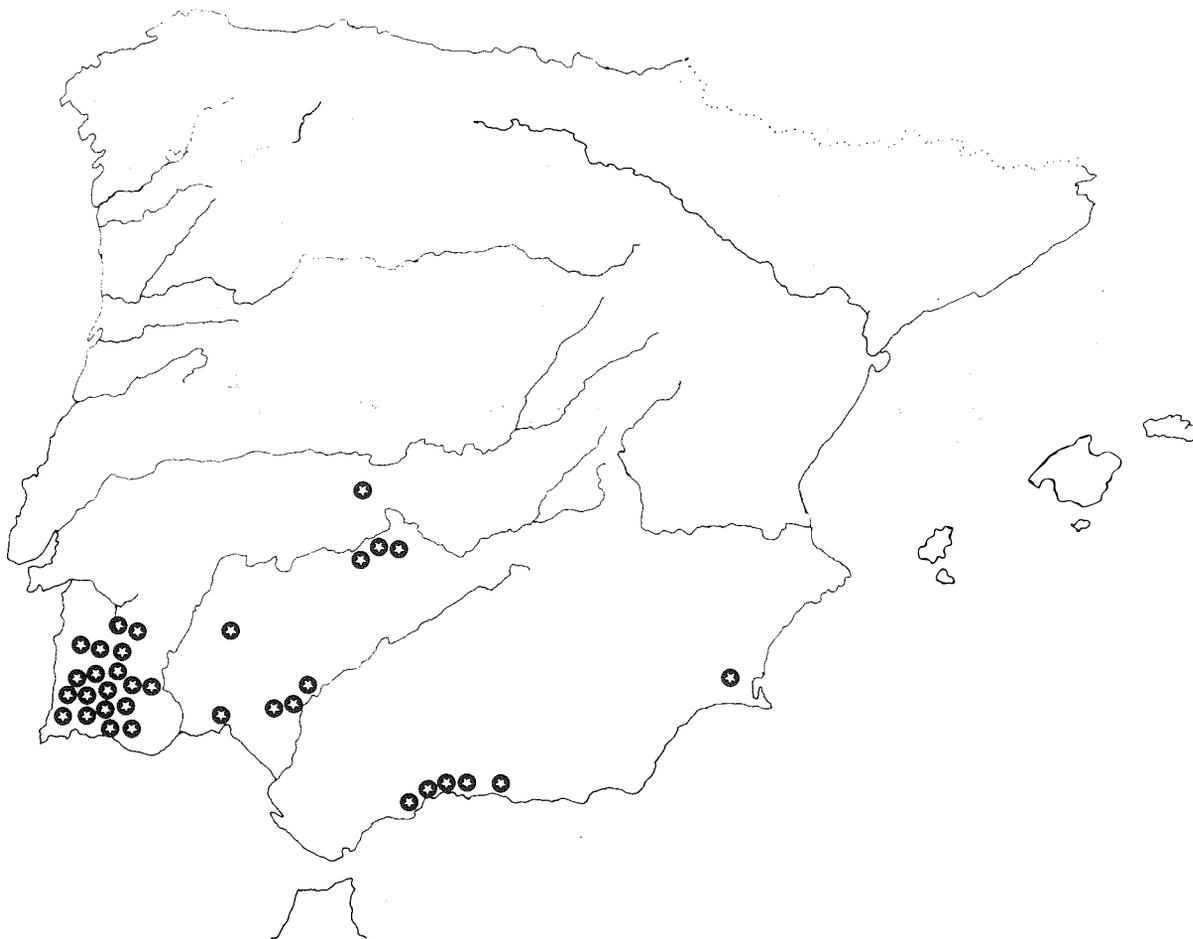
«Confrontando a expansão de todos estes nomes com a dos elementos *illi-*; *ilu-*, ..., e pondo também novamente em destaque os limites da região dos nomes em *-briga*, vemos que a área

<sup>16</sup> García y Bellido, *Inventario de los jarros púnico-tartésicos*, AEA 33, Madrid 1960. J. M. <sup>a</sup> Blázquez, *Tartessos y el origen de la colonización Fenicia en Occidente*, Salamanca 1975.

<sup>17</sup> Leonel Trindade e O. de Veiga Ferreira, «Acerca

do vaso piriforme Tartéssico de bronze do Museu de Torres Vedras», in *Junta Distrital de Lisboa. Boletim Cultural* 63-64, Lisboa 1965, pp. 175-183.

<sup>18</sup> J. Untermann, *Sprachräume*.

MAPA 6. *Escrita tartéssica*

daqueles topónimos ibéricos acima indicados se estende consideravelmente para o Ocidente, sobre a área dos nomes com *ili-*; *ilu-*, entrando profundamente na região dos nomes em *-briga*, por conseguinte, no âmbito da zona dos topónimos indo-europeus. E voltamos então a perguntar: seriam ali de língua ibérica os fundadores das cidades, que houvessem penetrado numa região colonial primitivamente indo-europeia, ou tratar-se-ia, pelo contrário, de um país ibérico ocupado por invasores que falavam un dialecto indo-europeu?».

Mais à frente, e baseando-se na conhecida passagem de Plínio sobre a origem dos Célticos (*NH* III 13), conclui ser verdadeira a última hipótese.

Se compararmos os dados que nos são fornecidos pela arqueologia com estes outros da linguística, poderemos, talvez, chegar a conclusões interessantes:

Assim, à região abrangida pelos topónimos em *-igi*; *-ucci*; *-urgi*, corresponde, de uma forma aproximada, ainda que não se sobreponha completamente, a zona do Bronze Argárico, cultura que Jordá Cerdá<sup>19</sup> pretende estar na origem da civilização tartéssica (mapa 7)<sup>20</sup>.

<sup>19</sup> Jordá Cerdá, *op. cit.*

<sup>20</sup> Os mapas toponímicos são baseados na obra de Untermann.



MAPA 7

A área geográfica correspondente à dos topónimos em *-ippo* e *-uba* (mapa 8), muitas vezes identificada com a zona tartéssica propriamente dita, poderá ser conotada, ainda que não coincida completamente com a área do Bronze do Sudoeste, mas ela é, indubitavelmente, sobreponível à região onde surge a maior concentração de cerâmica com decoração brunida.

Estamos, portanto, perante, uma região em que a uma certa unidade demonstrada pela arqueologia parece corresponder uma identidade linguística patente, aliás, na citação de Untermann anteriormente apresentada.

\* \* \*

Até aqui temos vindo a apresentar os vestígios arqueológicos e toponímicos que nos levam a considerar a existência de uma unidade geo-cultural no Sudoeste Peninsular. Falta-nos, porém, determinar qual o povo ou povos que produziram esta civilização.

À aparente unidade linguística e civilizacional onde, repito, se notam, contudo, variações que se poderão entender como regionalismos, parece contrapor-se, segundo os textos clássicos, uma extraordinária diversidade étnica.



MAPA 8

Na realidade, e de acordo com as Fontes Clássicas, esta extensa região seria habitada por túrdulos, turdetanos, célticos, cónios, tartéssicos, mastienos, bástulo-fenícios, etc.

O Sudoeste Ibérico é-nos apresentado como um gigantesco *puzzle* em que as peças se encontram dispersas ou, o que seria mais grave, se encontram montadas no local que mais convém a quem pretende decifrá-lo.

Contudo, e apesar da aparente confusão, da leitura dos autores clássicos fica-nos a ideia de que na antiguidade pré-romana, existiria uma certa unidade a qual por vezes nos é apresentada sob a designação de Turdetânia. Acreditamos, com Cardim Ribeiro<sup>21</sup> que a designação de Turdetânia no seu sentido mais lato, o Sudoeste, existe em contraposição à Lusitânia, região que lhe sucede a Norte e que esta aceção de Turdetânia corresponde a uma realidade etno-geográfica que seria muito anterior à ocupação romana.

<sup>21</sup> Cardim Ribeiro, «Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. IVLIVS MAELO CAVDICVS», in *Sintria* I-II, Sintra 1982-83.

Se o nome Turdetânia existiria já em período pré-romano ou se ele é uma criação do novo ocupante é matéria que não nos preocupa de momento. Porém, como tal topónimo é praticamente o único conhecido para designar todo o Sudoeste Hispânico, empregá-lo-emos por o considerarmos menos restritivo que o de Tartessos, muitas vezes utilizado pelos investigadores que se têm debruçado sobre esta região.

Os limites da Turdetânia são-nos, de certo modo, fornecidos por Estrabão (III 1, 6). Não serão dados muito precisos, mas julgamos que esta descrição poderá servir de base, de ponto de partida, para uma interpretação histórico-geográfica.

*«A dita região chama-se Bética do nome do rio e Turdetânia do nome do povo que a habita; A estes habitantes chama-se-lhes Turdetanos e túrdulos... A dita região situa-se no lado de cá (oriental) do Anas e estende-se até à Oretânia, e pelo sul até à costa compreendida entre as bocas do Anas e as Colunas».*

Por esta passagem fica-nos a ideia de que a Turdetânia se estenderia do Guadiana à Oretânia e, pelo Sul, até ao Estreito de Gibraltar.

Esta seria, em nosso entender, a Turdetânia *stricto sensu*. Porém, parece que, na tradição das populações existiria, ainda, a memória de uma Turdetânia mais vasta e o geógrafo grego (III 2, 1) dilata os limites anteriores para uma área que nos é indicada pela arqueologia e pela topónimia.

*«A Turdetânia... acha-se limitada a Ocidente e a Norte pelo curso do Anas; a Oriente por parte dos carpetanos e alguns oretanos; para Sul pelos bastetanos que habitam a estreita faixa costeira que se estende de Kalpe a Cádiz e do Mar Exterior até ao Anas. Também podem juntar-se a ela os bastetanos, dos quais disse já que habitavam na Turdetânia, assim como as cidades que ocupam o outro lado do Anas (o ocidental), e grande parte dos seus vizinhos».*

Ao estender a Turdetânia pelo território português do Sul do Tejo, Estrabão não parece laborar um erro porque mais à frente (III 2, 4) confirma esta atribuição geográfica ao afirmar:

*«Porque é plana em grande extensão toda a costa (da Turdetânia) entre o Promontório Sagrado e as Colunas».*

Para além do exposto, se considerarmos correcta a interpretação de Schulten<sup>22</sup> e outros de Σαλακίται não nos restam dúvidas de que Salacia se encontra na Turdetânia o que aproxima os limites Norocidentais apresentados por Estrabão dos que nos são mais tarde apresentados por Ptolomeu (II v. 2) o qual faz chegar a Turdetânia a *Caetobrix*, na foz do Sado a que chama *Calippos*, hidrónimo talvez derivado de uma homónima cidade em *-ippo* situado sobre a sua margem<sup>23</sup>.

Passamos, deste modo, a dispor de uma designação geográfica para esta região: Turdetânia. Topónimo que, em nosso entender, não refere apenas uma região, mas em que estará implícita uma unidade cultural, étnica a até mesmo política.

Numa das já citadas passagens, Estrabão (III 1, 6) afirma que os habitantes da Turdetânia se chamavam turdetanos e túrdulos; noutra passo (III 2, 1), coloca os bastetanos no mesmo território; e, quando (III 2, 6) inclui a costa entre o Cabo Sagrado e as Colunas nessa região, insere, no

<sup>22</sup> A. Schulten, *FHA* IV, Barcelona 1952, p. 167.

*ma*, Año 32, núms. 177-179, Madrid, Julio-Septiembre, 1982, pp. 69-74.

<sup>23</sup> J. Antonio Correa, «Singularidad del letrero indígena de las monedas de Salacia (17.103)», in *Numis-*

seu território, os cónios que, embora tendo dominado todo o Cyneticum, se encontravam já circunscritos, segundo Mela (III 7) e Plínio (IV 116), ao extremo Sudeste do território hoje português.

Tentaremos agora analisar cada um destes grupos étnicos e verificar em que medida existirão afinidades entre si ou se, pelo contrário, as dissemelhanças serão muito superiores aos elementos unificadores.

Estrabão (III 1, 6) diz-nos que, no seu tempo e, apesar de Políbio considerar túrdulos e turdetanos como povos diferentes, já se não notavam caracteres diferenciadores entre estes dois grupos étnicos.

Não considerando a presença, nos dois etnónimos, do radical *tur-* ou *turt-*, radical que parece apontar para uma origem linguística comum, também nos parece demasiado curto o período de um século que medeia entre a obra de Políbio e a de Estrabão, para se esbaterem completamente as características individualizantes destes dois povos. Como referimos em trabalho recente<sup>24</sup>, julgamos que a diferença notada por Políbio se deverá, por certo, a uma maior proximidade, por parte dos túrdulos da zona de influência da Meseta e, dos turdetanos, da área mediterrânica.

Os túrdulos seriam, talvez, mais influenciados pelos povos do grupo celtibero e até lusitano e os turdetanos sofreriam uma maior aculturação das civilizações com que mantinham contactos marítimos.

Aliás, a confusão entre túrdulos e turdetanos está, também, patente em Lívio que (XXVIII 39 e XXXIV 17) usa indiscriminadamente ambos os etnónimos para designar o mesmo povo.

Convém, aqui, recordar que o grande núcleo dos topónimos em *-ippo* se encontra na zona dos turdetanos ou tartéssicos<sup>25</sup> e que os dois mais a ocidente, *Olisippo* e *Colippo*, nos surgem em território dos túrdulos ocidentais, os *turduli veteres*. Parece-nos, pois, demonstrada uma profunda identidade entre os turdetanos e os túrdulos.

Em trabalho recente<sup>26</sup>, defendemos a existência de uma ligação muito estreita entre cónios e túrdulos. Na realidade, ou o *oppidum* de Conimbriga foi fundado pelos cónios na sua época de maior expansão, talvez no século VII a.C., e deles apenas se conservou o nome, ou, entre cónios e túrdulos terá, forçosamente, existido uma intensa relação etno-cultural.

Um íntimo parentesco, senão mesmo uma unidade etno-cultural, entre cónios e tartéssio-turdetanos pode ser inferida não só do facto de a maior parte das lápides gravadas em escrita dita tartéssica se encontrar em território cónio, como da circunstância de um dos reis míticos de Tartessos ser um cynete<sup>27</sup> (Justino 44, 4) ou ainda, pelo facto de Trogo Pompeu (Justino 44, 4), localizar os cynetes como vivendo no bosque dos tartéssios.

Não nos sentimos habilitados a afirmar que os modernos topónimos de Coimbra, existentes na região de Múrcia<sup>28</sup>, possam derivar de uma qualquer antiga Conímbriga. Apesar desta etimologia ser extraordinariamente tentadora, julgamos que não existem provas que a permitam confirmar ou infirmar.

<sup>24</sup> Manuel Maia, «Povos do Sul de Portugal nas fontes clássicas —Celtici e turduli», in *Clio* II, Lisboa 1980, pp. 67-70.

<sup>25</sup> Não julgamos necessário debruçarmo-nos sobre a identidade Tartéssios-Turdetanos já cabalmente demonstrada por vários e conceituados autores.

<sup>26</sup> Manuel Maia, «Os Cónios», in *Arqueologia e História* I, X série, Lisboa 1984.

<sup>27</sup> Apesar de toda a argumentação aduzida não concordamos com a opinião expressa por Luis A. García Moreno, «Justino 44, 4 y la Historia interna de Tartessos», *AEA* 52, Madrid 1979, pp. 111-140, e perfilhamos a opinião de que Curetes = Cynetes.

<sup>28</sup> J. Molina García, M. de la C. Molina Gunde y S. Nordstrom, «Coimbra del Barranco Ancho (Jumilla - Murcia)», in *Trabajos Varios* 52, Valencia 1976, pp. 7 ss.

Convém, porém, não esquecer que Políbio (X, II, 7) coloca cónios a Oriente das Colunas de Hércules; que neste território tradicionalmente atribuído aos mastienos se localizaria Mastia Tar-seion; e que nesta região foram recentemente, recolhidos vasos com grafitos tartéssicos<sup>29</sup>.

Começamos, assim, a antever uma série de relações cruzadas entre túrdulos, turdetano-tartéssicos, cónios e mastienos; mais, podemos verificar que nos territórios de todos estes grupos étnicos foram recolhidos monumentos da escrita tartéssica.

Parece não restarem dúvidas de que mastienos e bastetanos serão duas designações para o mesmo grupo étnico. E estes, se excluirmos os bastulo-fenícios, parecem pertencer ao mesmo conjunto etno-cultural de que temos vindo a tratar, como se pode inferir da leitura de Estrabão (III 2, 1) e de Plínio (III 8) em que este último autor, baseado em Agripa, afirma que a costa atlântica, a partir do Anas, pertenceria aos bástulos e aos túrdulos. Esta região, simultaneamente, era ocupada pelos cónios.

No século de Augusto, os grupos étnicos que constituíam a população do Sudoeste estariam já de tal modo fundidos que seria difícil estabelecer com rigor qual a sua região de origem. Porém, a noção ou memória de uma antiga unidade pré-existente manter-se-ia viva.

Do estudo das cartas de distribuição do achados arqueológicos mais característicos, da análise dos mapas toponímicos elaborados por Untermann e da leitura das fontes clássicas parece-nos possível concluir que em todo o Sudoeste Hispânico terá existido uma unidade étnica, cultural e até, porque não admiti-lo, política.

Estariamos perante uma civilização chegada por via continental durante a Idade do Bronze e que, com variantes regionais, se desenvolveria no Sudoeste até ao século V a.C., época em que pressionada no seu comércio pela hegemonia cartaginesa e sendo ameaçada, a Norte, pelas etno-migrações célticas que irão ocupar parte do seu território, se terá pulverizado numa série de pequenos reinos e que irá ainda conhecer uma fase de renascimento durante a chamada Época Ibérica, e uma certa unidade contra os cartagineses e, mais tarde, em 197, contra o ocupante romano.

Torna-se, deste modo, perfeitamente perceptível o sentido do seguinte passo de Herodoro de Heracleia (*Fontes* II, pp. 37-38):

*«Este povo ibérico, que habita as costas junto do estreito, recebe vários nomes sendo um só povo composto por várias tribos. Primeiro os habitantes da parte mais ocidental chamam-se Cynetetes (depois destes e para Norte encontram-se os Gletes), depois vêm os tartéssicos, logo os elbinsios, depois os mastienos, depois os celsianos e, depois já o estreito».*

MANUEL MAIA

<sup>29</sup> Informação que nos foi fornecida pelo Prof. Dr. Javier de Hoz, a quem reconhecidamente agradecemos.